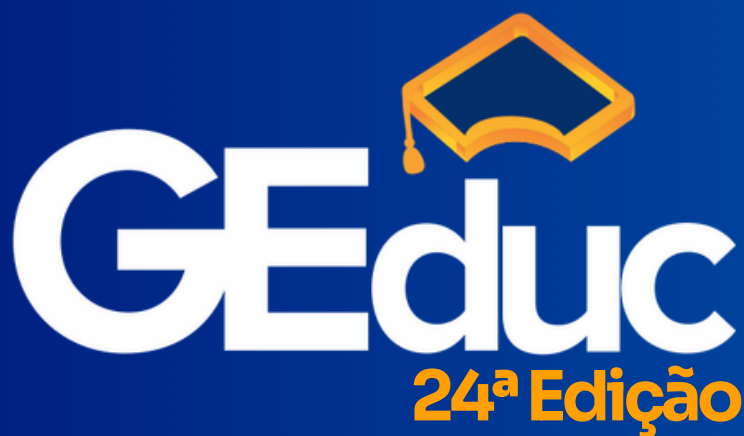


E-BOOK OFICIAL



Arquitetar Futuros:

EDUCAR, LIDERAR E TRANSFORMAR

**REFLEXÕES A PARTIR DOS
DEBATES QUE MARCARAM
O GEDUC 2026**

Realização:



Você está acessando o recorte dedicado à trilha **“GEduc+ para Coordenadores de Cursos de IES”**, parte do e-book do GEduc 2026.

Este material reúne os principais pontos abordados nessa frente da programação, com reflexões, aprendizados e discussões que ajudam a aprofundar o olhar sobre o tema.

Para acompanhar a visão completa da edição, com os conteúdos das demais trilhas, fóruns e momentos que marcaram o congresso, acesse o e-book completo do GEduc 2026.

[CLIQUE AQUI E ACESSE](#)

Realização:



Reconhecido nacionalmente como o principal congresso de gestão educacional do Brasil, desde a sua 1ª edição, em 2003, o GEduc reúne os mais relevantes players da área para três dias de imersão que envolvem conteúdos de alto nível.

Ao longo de sua trajetória, o congresso se consolidou como um espaço de reflexão, atualização e conexão entre lideranças que atuam diretamente na construção dos rumos da educação brasileira. Em sua programação, são abordados temas estratégicos para escolas, instituições de ensino superior, mantenedores e gestores que buscam acompanhar as transformações do setor e tomar decisões cada vez mais alinhadas aos desafios contemporâneos.

Com palestrantes de renome, uma programação conectada às demandas reais e discussões voltadas aos desafios da gestão educacional, o GEduc se consolida como um encontro fundamental para gestores brasileiros que buscam atualização, visão estratégica e caminhos para fortalecer suas instituições.

Concomitante ao congresso, há uma Exposição com a participação de mais de 70 empresas que apresentam as últimas novidades em produtos e serviços educacionais.

Esse ambiente amplia a experiência dos participantes ao aproximar instituições de ensino de soluções, tecnologias e serviços que contribuem para a inovação, a eficiência da gestão e o fortalecimento das práticas educacionais.

O evento é promovido pela HUMUS, empresa que realiza capacitações para gestores de universidades e escolas, além de possuir soluções em consultoria e seleção de profissionais, serviços também exclusivos para o segmento educacional.

Com uma atuação dedicada ao desenvolvimento da gestão educacional, a HUMUS promove iniciativas que aproximam conhecimento, prática e especialistas do setor, contribuindo para a formação de líderes mais preparados para os desafios da educação.

Organizadoras



Beatriz Fernandes

Publicitária, atua na área de comunicação e eventos da Humus Educação, diagramadora deste e-book.



Sonia Simões Colombo

Head de Conteúdo do GEduc. CEO da Humus e Presidente do Instituto ELA Educadoras do Brasil



Thalita Chrispim

Conselheira consultiva da área de Inteligência de Mercado do GEduc. Sócia e Gerente de Operações e Relacionamentos da Humus Educação.

Educadores Autores



Aparecida do Carmo Frigeri Berhior

Consultora associada da HUMUS para Gestão Acadêmica. Doutora e mestre em Letras, com mais de 20 anos de experiência na gestão e docência no ensino superior. Atua na implementação de matrizes de referência de currículos e avaliação por competências; gestão e processos acadêmicos; capacitação de docentes.



Adriano Thomaz

Gerente Executivo na UniSoma, Especialista em advanced analytics e modelagem matemática, lidera equipes multidisciplinares no desenvolvimento de algoritmos e soluções inteligentes para o setor educacional. Matemático de formação, com Doutorado em Engenharia Elétrica pela Unicamp e Pós-doutorado no Canadá, combina rigor técnico com experiência executiva. Atuou em projetos de otimização no planejamento acadêmico integrado, de ofertas e alocação de recursos, de inteligência acadêmica e de gestão institucional. Curador do podcast DeepTalks sobre IA.

Educadores Autores



Carla Peron

Formada em Administração pela Faculdades Associadas de SP, especialização em Marketing pela ESPM e MBA pelo Insper, Carla Peron é gestora da Mercare! Educação. Com mais de 30 anos de experiência no segmento educacional, atua em projetos de gestão de marca, comunicação integrada, reposicionamento e presença digital, contribuindo para que escolas fortaleçam sua identidade, comuniquem melhor seus diferenciais e ampliem sua relevância em um mercado cada vez mais competitivo.

Daniel Jaca

Formado em esporte, percebeu rapidamente que a atividade física era um caminho para o desenvolvimento socioemocional. Incomodado com o mundo, foi lá e tentou ajudar a melhorá-lo.

Denise Sawaia Tofik

Profissional com mais de 40 anos de experiência no ensino superior, com atuação em gestão acadêmica, docência e consultoria educacional. Especialista em regulação, qualidade e desenvolvimento institucional, com trajetória em posições de liderança e forte contribuição para a excelência e inovação na educação superior.

Fernanda Loyola

Mãe da Maria e da Leticia, e ama falar sobre relações humanas e os processos da maternagem na sociedade contemporânea. Olhar atento para o cuidado socioemocional dentro e fora da Electi.

Flávia Fernanda Costa

Doutora e mestre em Educação, com formação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e pela UFRGS, possui MBA em Gestão Educacional pela PUCRS e graduação em Pedagogia. Atua como Coordenadora Administrativa e Pedagógica do Ensino Médio no Colégio Israelita Brasileiro e é voluntária no Instituto ELA Educadoras do Brasil. Ao longo de sua trajetória, foi Pró-Reitora de Graduação da UCS, onde criou o Centro de Inovação e Tecnologias Educacionais (CINTED), além de atuar em gestão acadêmica, docência no Ensino Superior e supervisão na Educação Básica. Foi avaliadora do MEC e possui certificação internacional Finlandesa - Innopeda Trainer, com atuação em iniciativas de inovação educacional e liderança feminina.

Educadores Autores



Hélder Pereira

Educador e especialista em inovação na aprendizagem, com mais de 20 anos de experiência no desenho e implementação de projetos educacionais. Sua atuação concentra-se em transformar o uso da tecnologia em experiências de aprendizagem com propósito e impacto real.



Imaculada Conceição Braga Campos

Mora em Belo Horizonte, Professora, Psicóloga, Pós graduada em Psicopedagogia Institucional, Especialista em Saúde Mental nas práticas Contemporâneas, Mestranda em Neuropsicologia. Possui sólida experiência na área da Educação e na Saúde Mental Clínica e Institucional. Atualmente trabalha com a Meta-Morfose Saúde Mental Preventiva para escolas e empresas, além de formação de equipes pedagógicas. Voluntária no Instituto ELA Educadoras do Brasil e na SWE (Society Women's Engineer's do Brasil).



Luciane Pereira

Enfermeira, mestre e doutora em Gestão e Saúde pela USP, com mais de 30 anos de atuação na Educação Superior. Iniciou sua trajetória como docente na USP e, desde então, ocupou posições estratégicas como coordenadora, diretora de pós-graduação, pró-reitora acadêmica, vice-reitora e reitora em grandes universidades. Com especializações em Gestão Hospitalar pela FGV e em Neurociência e Psicologia Positiva pela PUC, tem como foco a liderança de projetos acadêmicos inovadores, o desenvolvimento de equipes de alta performance voltadas à aprendizagem significativa, à sustentabilidade e à entrega de resultados. Atualmente, coordena projetos no processo de implantação da Faculdade BP.



Mirella Scorza

Formada em Comunicação pela FAAP, com pós-graduação em Marketing pela ESPM, MBA em Administração pela FIA/USP e extensões em Comunicação Corporativa pela FGV e Marketing Digital pelo Insper, Mirella Scorza é gestora da Mercare! Educação. Com mais de 30 anos de experiência, atua com foco em marketing estratégico, comunicação integrada, experiência do cliente, relacionamento e valorização de equipes, apoiando instituições de ensino na construção de posicionamentos mais claros, consistentes e sustentáveis.



Rui Fava

Com trajetória consolidada na gestão educacional, acadêmica e operacional, atua na construção de modelos e estratégias que conectam eficiência, qualidade e performance institucional. Sua experiência reúne planejamento estratégico, gestão de indicadores, desenvolvimento de equipes e implantação de projetos voltados à evolução das instituições de ensino. É doutor em Ciências da Educação, com formação também em Administração, Ciências Contábeis e MBA Executivo.

Educadores Autores



Sami Elia

Encontrou na escalada uma forma de viver suas paixões por esportes e pela natureza. Formado em administração, trabalhou como executivo no Citibank em diversas áreas, principalmente com planejamento estratégico. Guiado por sua paixão por iniciativas sociais, foi voluntário em diversos projetos sociais de educação que culminaram em uma transição de carreira para o segmento da educação socioemocional. Sócio Electi Educacional.



Futuros Educadores

Andressa Caroline Wendt da Cruz

Estudante do 7º Semestre do curso de Licenciatura em História na FMU



Francislene de Araujo Cordeiro Diogo

Estudante do 5º Semestre do curso de Licenciatura em História na FMU



Naxiane dos Santos da Silva

Estudante do 2º Semestre do curso de Pedagogia na FMU



Paloma Fregonesi Benedet

Estudante do 7º Semestre do curso de Pedagogia na FMU



Coordenadores de curso:

Evasão no Ensino Superior Brasileiro

Luciane Lucio Pereira

Apresentação

A educação, historicamente, é um campo marcado por avanços lentos e, muitas vezes, assimétricos em relação às transformações sociais, tecnológicas e culturais. Se observarmos a estrutura de uma sala de aula desde o século XVI até o início do século XXI, perceberemos que, apesar de mudanças pontuais, manteve-se um modelo relativamente estável: carteiras, lousas, ação centrada na figura do professor e na transmissão de conteúdo. Da mesma forma, a gestão educacional permaneceu, por longos períodos, ancorada em práticas tradicionais, com baixa incorporação de dinâmicas inovadoras.

No entanto, esse cenário começou a sofrer inflexões mais significativas, a partir dos anos 2000, impulsionado, sobretudo, pela expansão da educação a distância e pelo avanço acelerado das tecnologias digitais.

É nesse contexto que emerge um dos desafios mais críticos do ensino superior brasileiro: a evasão. Longe de ser um fenômeno pontual ou circunstancial, a evasão configura-se como um problema estrutural, que impacta milhões de estudantes, fragiliza projetos institucionais e desafia diretamente a sustentabilidade acadêmica e financeira das instituições. Mais do que números, trata-se de trajetórias interrompidas, expectativas frustradas e potenciais não realizados.

Nesse novo cenário, o papel do gestor educacional — e, de forma muito particular, do coordenador de curso — assume uma dimensão estratégica ampliada; como discutido ao longo da trilha sobre “Evasão no Ensino Superior Brasileiro” realizada no GEeduc 2026, apresentada pelos Professores Antonio Carlos Knoemberguer e Carlos Ferrara Júnior. Não se trata apenas de atrair estudantes, mas de construir experiências formativas que façam sentido, que gerem pertencimento e que sustentem o vínculo ao longo de toda a jornada acadêmica.

Dessa perspectiva, enfrentar a evasão exige mais do que ações pontuais de retenção. Exige a construção intencional de um projeto educativo capaz de encantar — no sentido mais profundo do termo —, mobilizando razões e afetos que façam o estudante escolher permanecer. Encantar, aqui, significa criar uma experiência significativa, coerente e viva, na qual o estudante reconheça sentido no que aprende, se sinta pertencente e perceba valor em sua trajetória.

Assim, a evasão deixa de ser apenas um indicador a ser monitorado e passa a ser um fenômeno a ser compreendido em sua complexidade. Compreendê-la é, ao mesmo tempo, um convite à revisão de práticas, à reinvenção da gestão educacional e à construção de uma educação superior mais responsiva, humana e relevante.



Já no EAD, embora a flexibilidade seja um fator de atração importante, ela também traz consigo riscos. O perfil de estudante, frequentemente mais sobrecarregado e com menor disponibilidade de tempo, encontra barreiras adicionais quando não há uma experiência pedagógica bem estruturada. Nesse contexto, destacam-se como fatores críticos de evasão a baixa interação, a fragilidade na construção de trilhas de aprendizagem engajadoras e, sobretudo, a qualidade da tutoria, que se configura como elemento central para sustentação do vínculo.

De maneira geral, a evasão é um fenômeno multicausal. Entre os principais determinantes identificados pelo Prof. Antonio Carlos Knoemberguer, destacam-se:

- dificuldades financeiras;
- baixo desempenho acadêmico;
- escolha inadequada do curso;
- problemas pessoais e psicológicos;
- incompatibilidade entre trabalho e estudo;
- ausência de pertencimento e conexão com a instituição.

Importante ressaltar que, na maioria dos casos, esses fatores não atuam isoladamente, mas de forma combinada, exigindo das instituições uma leitura integrada e baseada em dados.

Os impactos da evasão também se manifestam em múltiplas dimensões. Para o estudante, há consequências emocionais e psicológicas relevantes, frequentemente associadas a sentimentos de fracasso, culpa e baixa autoestima. Soma-se a isso o prejuízo financeiro — especialmente nas instituições privadas — e a limitação de oportunidades futuras.

Para as instituições, os efeitos são igualmente significativos. A evasão compromete a sustentabilidade financeira, gera ociosidade de vagas, impacta a eficiência do uso de recursos humanos e físicos e deteriora indicadores de qualidade. Além disso, há repercussões diretas na reputação institucional, afetando a experiência percebida pelos estudantes (incluindo indicadores como NPS) e, consequentemente, a capacidade de captação de novos ingressantes.

Diante desse cenário, a principal questão que se coloca é a necessidade de reposicionar a evasão como um fenômeno estratégico de gestão, e não apenas como um problema acadêmico. Enfrentá-la exige a articulação entre dados, políticas institucionais, desenho pedagógico e gestão da experiência do estudante — uma agenda que demanda intencionalidade, liderança e inovação.



Principais ideias e contribuições das causas

A evasão no ensino superior brasileiro se consolida, na atualidade, como um dos problemas mais críticos e estruturantes da gestão educacional. Não se trata apenas de um indicador acadêmico, mas de um fenômeno com implicações amplas — sociais, econômicas e institucionais — que exige respostas igualmente abrangentes e qualificadas.

Sob a perspectiva sistêmica, a evasão representa uma tripla perda. Em primeiro lugar, uma perda de investimento público e privado, considerando os recursos alocados na formação que não se concretiza. Em segundo, a frustração de projetos de vida de estudantes que, ao interromperem sua trajetória acadêmica, veem reduzidas suas possibilidades de mobilidade social e realização profissional. Por fim, há um impacto macroestrutural: a diminuição da competitividade do país, que deixa de formar profissionais qualificados em número e qualidade suficientes para atender às demandas contemporâneas.

Estimativas, apresentadas pelo Prof. Antonio Carlos Knoembergner indicam taxas de evasão próximas de 40% nas instituições privadas e cerca de 26% nas públicas, com um volume expressivo de matrículas interrompidas ao longo dos ciclos formativos. Dados do Censo do Ensino Superior do INEP e análises do SEMESP têm apontado, de forma consistente, a persistência desses índices ao longo dos anos, evidenciando que a evasão não é episódica, mas estrutural.

Um aspecto particularmente relevante é a concentração da evasão no primeiro ano do curso, momento crítico da trajetória acadêmica. É principalmente nesse período que se estabelece — ou não — o vínculo do estudante com a instituição, com o curso e com seu próprio projeto formativo. A ausência de integração, acolhimento e clareza de propósito tende a aumentar significativamente o risco de abandono, o que reforça a importância de estratégias institucionais focadas na jornada inicial do estudante.

Outro ponto de destaque é a diferença de comportamento da evasão entre modalidades. Nos cursos presenciais, as taxas giram em torno de 30%, enquanto no ensino a distância (EAD) podem alcançar patamares próximos de 50%. Essa diferença não se explica apenas pelo perfil do estudante, mas também pelas características das experiências formativas oferecidas.

No ensino presencial, fatores como vínculo social, pertencimento e interação no campus desempenham papel decisivo na permanência. Relações com colegas, professores e a própria vivência universitária funcionam como elementos protetores contra a evasão. Ainda assim, aspectos como dificuldades financeiras e desafios logísticos — especialmente deslocamento — também se mostram relevantes.



Das estratégias de retenção

Se a evasão é um fenômeno complexo e multicausal, sua prevenção exige, necessariamente, abordagens igualmente integradas, baseadas em evidências e sustentadas por uma visão institucional centrada no estudante. Nesse sentido, torna-se essencial a sistematização de um conjunto de boas práticas de retenção, articuladas em torno da identificação precoce de risco, da intervenção qualificada e da construção de experiências acadêmicas significativas.

O primeiro movimento estratégico consiste em identificar precocemente os estudantes em situação de vulnerabilidade. Pesquisas nacionais e internacionais — como os estudos de Vincent Tinto — convergem ao apontar que o risco de evasão é multidimensional, envolvendo fatores acadêmicos, psicossociais, financeiros e vocacionais. (Tinto, V. (1975). Dropout from higher education: A theoretical synthesis of recent research. *Review of Educational Research*, 45(1), 89-125. <https://doi.org/10.3102/00346543045001089> - Columbia University)

No campo acadêmico, destacam-se indicadores como reprovação no primeiro semestre, queda de frequência, dificuldades em disciplinas-chave e lacunas na formação básica. Nos aspectos psicossociais, ganham relevância sintomas de ansiedade e depressão, isolamento, baixa autoeficácia acadêmica e a pressão vivida por estudantes que são os primeiros de suas famílias a ingressar no ensino superior. Já os fatores financeiros incluem dependência de bolsas e financiamentos, inadimplência recorrente e a necessidade de conciliar estudo com trabalho em tempo integral. Por fim, os fatores vocacionais — frequentemente subestimados — envolvem escolhas pouco refletidas, expectativas frustradas em relação ao curso e ausência de clareza sobre o projeto de vida.

Essa leitura ampliada reforça que a evasão raramente decorre de um único fator, mas de uma combinação progressiva de fragilidades, o que torna decisiva a capacidade institucional de monitorar, interpretar e agir com rapidez.

Nesse contexto, o papel do professor emerge como central. É ele quem mantém o contato mais direto e frequente com o estudante, sendo, muitas vezes, o primeiro a perceber sinais de desengajamento. Por isso, políticas institucionais de retenção devem necessariamente incluir o docente como agente ativo desse processo, desenvolvendo competências relacionadas à escuta, ao acompanhamento formativo e à mediação pedagógica.

Do ponto de vista institucional, as melhores práticas organizam-se em diferentes eixos complementares.

O suporte acadêmico estruturado é um dos pilares. Isso inclui monitoramento contínuo do desempenho, programas de tutoria, ações de nivelamento e flexibilização curricular. O uso de dashboards e sistemas de alerta precoce — capazes de identificar quedas de desempenho, faltas acumuladas e risco de reprovação — permite intervenções antes que a evasão se concretize. Quando o estudante percebe que a instituição investe ativamente em seu sucesso, fortalece-se o vínculo e a disposição para persistir.



Outro eixo fundamental é o suporte financeiro estratégico. Iniciativas como bolsas emergenciais, programas de trabalho-estudo (monitorias, iniciação científica), políticas de renegociação ativa de dívidas e modelos flexíveis de pagamento contribuem diretamente para a permanência. Mais do que medidas reativas, essas ações precisam ser acompanhadas de uma abordagem preventiva, com contato proativo com estudantes em risco de inadimplência e oferta de soluções antes que a evasão se configure. A educação financeira, por sua vez, surge como prática complementar relevante, auxiliando o estudante a gerir melhor seus recursos e reduzir situações de crise.

A saúde mental e o suporte psicopedagógico constituem outro eixo estratégico. Núcleos de apoio estruturados, ações de promoção de bem-estar (como grupos de escuta, mindfulness, atividades culturais e expressivas) e processos de triagem e encaminhamento são fundamentais para lidar com uma dimensão cada vez mais presente na experiência estudantil. Instituições que reconhecem e acolhem essa dimensão tendem a construir ambientes mais seguros e propícios à permanência.

O engajamento e o pertencimento aparecem como um dos mais potentes fatores de retenção. Programas de acolhimento para ingressantes, iniciativas de vida estudantil ativa, ações de diversidade e inclusão e a promoção de experiências coletivas fortalecem a conexão do estudante com a instituição. O primeiro ano, em especial, deve ser concebido como uma experiência estruturada de integração, na qual o estudante se reconheça como parte de uma comunidade acadêmica.

A orientação de carreira também se destaca como prática essencial. Diagnósticos vocacionais na entrada, integração entre teoria e prática ao longo do curso, redes de egressos e programas de mentoria profissional ajudam o estudante a visualizar trajetórias possíveis. Quando há clareza sobre o propósito da formação e sua conexão com o futuro profissional, a motivação para permanecer tende a se sustentar, mesmo diante de dificuldades.

A relevância curricular, por sua vez, configura-se como um fator estruturante da retenção. Currículos atualizados, conectados com o mundo do trabalho e com forte articulação entre teoria e prática contribuem para o engajamento contínuo. Nesse campo, ganha força a tendência de personalização da jornada do estudante, por meio de eletivas, itinerários formativos, reconhecimento de saberes prévios e oferta de microcertificações, que permitem maior flexibilidade e sentido na trajetória acadêmica.

Por fim, as tecnologias educacionais e a inteligência artificial emergem como importantes aliadas na gestão da permanência. Ambientes virtuais de aprendizagem, como Moodle, Canvas e Blackboard, permitem monitorar o engajamento em tempo real, identificando padrões de desinteresse ou risco. Recursos como notificações personalizadas, gamificação e sistemas adaptativos ampliam as possibilidades de interação e motivação.



A inteligência artificial, em especial, representa uma fronteira promissora. Ao integrar dados acadêmicos, comportamentais e financeiros, possibilita a construção de modelos preditivos de evasão, que antecipam riscos e orientam intervenções mais precisas. Chatbots, tutores virtuais e sistemas de aprendizagem adaptativa contribuem para ampliar o suporte ao estudante, enquanto dashboards analíticos fortalecem a tomada de decisão dos gestores.

Em síntese, as melhores práticas de retenção convergem para um princípio central: a permanência do estudante não é resultado do acaso, mas de uma gestão intencional, baseada em dados, integrada e profundamente comprometida com a experiência formativa

TENDÊNCIAS, CONVERGÊNCIAS E ALERTAS

A evasão vem se consolidando como um indicador-síntese da qualidade da experiência estudantil, da capacidade institucional de gerar pertencimento e da maturidade da gestão educacional para atuar de forma preditiva, integrada e centrada no estudante.

Nesse cenário, algumas tendências se mostram particularmente relevantes. A primeira delas é a **transição de uma lógica reativa para uma lógica preventiva e preditiva**. Instituições mais maduras tendem a abandonar respostas pontuais, acionadas quando o estudante já está prestes a sair, para construir sistemas de monitoramento contínuo, capazes de identificar sinais precoces de vulnerabilidade e acionar intervenções antes que o rompimento do vínculo se consolide. Isso significa reconhecer que a evasão começa muito antes do cancelamento formal da matrícula: ela se anuncia em faltas recorrentes, queda de desempenho, redução do engajamento, inadimplência, silêncio, isolamento e perda de sentido.

Uma segunda tendência importante é a **convergência entre gestão acadêmica, gestão financeira, apoio psicopedagógico e experiência do estudante**. Durante muito tempo, esses campos foram tratados de forma fragmentada, como se permanência fosse responsabilidade exclusiva da coordenação de curso, da sala de aula ou do setor financeiro. O que se observa hoje, no entanto, é que a retenção efetiva depende de articulação institucional. O estudante não vivencia a instituição em partes; ele vivencia a instituição como totalidade. Por isso, soluções desconectadas tendem a produzir pouco efeito.

Também ganha força a compreensão de que o **currículo** é, ele próprio, uma estratégia de retenção. Currículos rígidos, pouco conectados com a prática, com o projeto de vida do estudante ou com as transformações do mundo do trabalho tendem a ampliar desengajamento. Em contrapartida, propostas formativas mais flexíveis, personalizáveis, interdisciplinares e conectadas à trabalhabilidade, ao propósito e à construção de identidade profissional passam a funcionar como poderosos fatores de permanência.



Outra convergência importante está relacionada ao crescimento das tecnologias analíticas e da inteligência artificial como apoio à gestão da permanência. O uso de plataformas educacionais, sistemas integrados de dados, dashboards e modelos preditivos tende a se expandir, permitindo às instituições identificar padrões de risco com maior precisão. Essa tendência, entretanto, traz um alerta decisivo: tecnologia, por si só, não retém estudantes. Dados só produzem valor quando interpretados com inteligência institucional, traduzidos em decisões concretas e acompanhados de intervenções humanizadas. O risco, aqui, é transformar a gestão da evasão em mera vigilância estatística, perdendo de vista a singularidade das trajetórias estudantis.

É justamente nesse ponto que se torna útil, como propõe o Prof. Antonio Carlos Knoemberguer, um framework integrado de retenção, entendido não como fórmula pronta, mas como uma arquitetura de gestão capaz de alinhar visão estratégica, processos institucionais e cuidado com a experiência do estudante. Esse framework pode ser organizado em cinco dimensões interdependentes: diagnóstico, estrutura, tecnologia, intervenção e avaliação.

A primeira dimensão, diagnóstico, refere-se à capacidade institucional de conhecer profundamente o fenômeno da evasão em sua própria realidade. Não basta saber quantos estudantes saem; é preciso compreender quem sai, quando sai, de onde sai, por que sai e quais padrões se repetem por curso, modalidade, semestre, perfil socioeconômico e desempenho acadêmico. O diagnóstico qualificado transforma a evasão de número bruto em inteligência de gestão.

A segunda dimensão, estrutura, diz respeito à existência de governança, fluxos, responsabilidades e políticas institucionais claras para o enfrentamento da evasão. Isso implica definir quem monitora, quem intervém, como as áreas se comunicam e quais recursos estão disponíveis. Sem estrutura, a retenção fica dependente de esforços isolados, muitas vezes heroicos, mas pouco sustentáveis.

A terceira dimensão, tecnologia, envolve o uso de plataformas, painéis gerenciais, sistemas de alerta e ferramentas analíticas que permitam acompanhar a jornada estudantil em tempo real. Aqui entram os ambientes virtuais de aprendizagem, os sistemas acadêmicos, os recursos de CRM educacional e, mais recentemente, as soluções baseadas em inteligência artificial. A tecnologia amplia a capacidade de leitura institucional, mas precisa estar a serviço de decisões pedagógicas e relacionais.

A quarta dimensão, intervenção, é aquela em que a estratégia se converte em ação concreta. Inclui tutoria, acolhimento, suporte financeiro, acompanhamento psicopedagógico, flexibilização curricular, ações de pertencimento, orientação de carreira, recuperação acadêmica e abordagens individualizadas para estudantes em maior vulnerabilidade. Trata-se do momento em que a instituição demonstra, na prática, sua capacidade de cuidar, responder e sustentar vínculos.

A quinta dimensão, avaliação, garante o fechamento e a retroalimentação do ciclo. Avaliar significa acompanhar o impacto das ações implementadas, revisar hipóteses, corrigir rotas e consolidar aprendizagem institucional. Sem avaliação, a retenção corre o risco de se tornar um conjunto de boas intenções sem evidência de efetividade.



Esse framework ajuda a compreender uma das principais convergências do debate atual: retenção não é campanha, nem ação isolada; é sistema. E sistemas exigem coerência, continuidade e liderança.

Ao lado dessas tendências, alguns alertas estratégicos merecem destaque. O primeiro é o risco de tratar a evasão apenas como problema financeiro. Embora a perda de receita seja real e relevante, reduzir o tema a uma questão econômica empobrece a análise e fragiliza as respostas. A permanência estudantil precisa ser compreendida como compromisso acadêmico, ético e institucional.

O segundo alerta é o risco da hiperpadronização. Nem todo estudante evade pelas mesmas razões, e nem toda instituição enfrenta o problema da mesma maneira. Políticas de retenção excessivamente genéricas tendem a falhar justamente porque ignoram a diversidade de perfis, contextos e trajetórias. A expansão do uso de dados e IA pode ser extremamente positiva, desde que venha acompanhada da capacidade de personalizar leituras e intervenções.

Um terceiro alerta diz respeito ao primeiro ano. Se esse período é reconhecidamente o mais sensível para a evasão, ele não pode continuar sendo tratado como simples etapa de adaptação espontânea. O ingresso precisa ser desenhado como experiência estratégica de acolhimento, integração, orientação e construção de vínculo. O primeiro ano não é apenas o começo da trajetória; ele é, em grande medida, o momento em que se decide a permanência.

Há ainda um alerta importante sobre o papel dos docentes e coordenadores. Espera-se cada vez mais que esses atores atuem como líderes da permanência, mas isso não pode significar responsabilização individual sem suporte institucional. Não se combate evasão apenas com boa vontade docente. É necessário investir em formação, instrumentos, fluxos, apoio intersetorial e cultura organizacional coerente com esse propósito.

Por fim, talvez a maior convergência de todas seja esta: instituições que conseguem enfrentar melhor a evasão são aquelas que compreendem que permanecer é uma experiência de sentido. O estudante permanece onde consegue aprender, projetar futuro, sentir-se reconhecido e perceber que sua presença importa. O futuro da gestão da permanência, portanto, não estará apenas na sofisticação dos sistemas, mas na capacidade de construir instituições academicamente consistentes, relacionalmente acolhedoras e estrategicamente inteligentes.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS NA GESTÃO EDUCACIONAL

Se a evasão é um fenômeno estrutural, multifatorial e progressivo, sua gestão exige mais do que iniciativas isoladas: exige uma revisão intencional dos modelos de gestão educacional. Para o gestor contemporâneo, o enfrentamento da evasão passa a ser um eixo estratégico transversal, com implicações diretas nas dimensões pedagógica, acadêmica, administrativa, comercial e institucional.



A primeira implicação diz respeito à necessidade de reposicionar a permanência como prioridade estratégica. Isso significa incorporá-la explicitamente ao planejamento institucional — no PDI, no PPI e nos PPCs —, com metas claras, indicadores definidos e responsabilização compartilhada. A evasão deixa de ser apenas um “problema a ser resolvido” e passa a ser um indicador-chave de qualidade e sustentabilidade institucional.

Na gestão pedagógica, o principal movimento esperado é a revisão das práticas de ensino e aprendizagem. Isso envolve fortalecer metodologias ativas, ampliar a integração entre teoria e prática, garantir maior clareza na organização das trilhas formativas e investir na formação docente para atuação em contextos de maior diversidade estudantil.

Na gestão acadêmica, destaca-se a necessidade de estruturar sistemas de acompanhamento da jornada do estudante. Isso inclui o uso de dashboards, indicadores de permanência, sistemas de alerta precoce e fluxos claros de intervenção. A coordenação de curso assume um papel central como articuladora desse processo, integrando informações acadêmicas, comportamentais e institucionais para tomada de decisão. Além disso, torna-se essencial desenhar com intencionalidade o primeiro ano do curso, com programas de acolhimento, nivelamento, orientação e integração que reduzam o risco inicial de evasão.

Na gestão administrativa e financeira, o enfrentamento da evasão implica rever políticas de cobrança, financiamento e apoio ao estudante. A adoção de práticas como renegociação ativa, flexibilização de pagamentos e concessão de auxílios emergenciais deve ser acompanhada de uma postura proativa, baseada em dados e antecipação de risco. Ao mesmo tempo, é necessário compreender que ações de retenção não representam apenas custo, mas investimento com retorno direto na sustentabilidade institucional.

Na gestão comercial, emerge uma mudança de paradigma relevante: não basta captar estudantes, é preciso captar com qualidade e coerência. Isso implica alinhar o discurso de marketing com a realidade do curso e da instituição, evitando promessas desalinhadas que geram frustração e evasão precoce. A integração entre as áreas de captação e permanência torna-se estratégica, permitindo que o perfil do estudante ingressante seja devidamente compreendido e acompanhado ao longo de sua trajetória.

Já na gestão institucional, a principal implicação é a construção de uma cultura de dados orientada à tomada de decisão. Isso envolve integrar sistemas, qualificar a leitura de indicadores e desenvolver competências analíticas nas lideranças. Mais do que coletar dados, é preciso transformá-los em inteligência institucional, capaz de orientar políticas, priorizar ações e avaliar resultados. Nesse processo, a tecnologia e a inteligência artificial devem ser incorporadas como aliadas, sem perder de vista a dimensão humana da experiência educacional.



Outro ponto central é a necessidade de promover uma cultura organizacional orientada ao estudante. Isso significa que todas as áreas — acadêmicas e administrativas — devem reconhecer seu papel na construção da experiência estudantil. A permanência deixa de ser responsabilidade de um setor específico e passa a ser compromisso coletivo.

Por fim, o gestor é chamado a exercer uma liderança capaz de equilibrar resultado e propósito. Reduzir a evasão não é apenas melhorar indicadores ou proteger receitas; é garantir que mais estudantes tenham a oportunidade real de concluir sua formação com qualidade, sentido e impacto em suas vidas.

Fechamento

Falar de evasão no ensino superior é, em última instância, falar de pessoas, de trajetórias e de possibilidades de futuro. Por trás de cada indicador, há histórias que começaram com expectativa, investimento e esperança — e que, por diferentes razões, foram interrompidas. Enfrentar a evasão, portanto, não é apenas um desafio de gestão: é um compromisso com o sentido da educação.

Ao longo deste capítulo, torna-se evidente que não há soluções simples para um fenômeno complexo. Mas há, sim, caminhos possíveis — e, sobretudo, uma direção clara: a construção de uma educação superior mais conectada com o estudante, mais responsiva às suas necessidades e mais coerente com os desafios do nosso tempo.

O futuro da permanência estudantil não estará apenas na sofisticação das tecnologias, na precisão dos dados ou na eficiência dos processos — embora tudo isso seja importante. Estará, fundamentalmente, na capacidade das instituições de reconhecer o estudante como sujeito de sua própria trajetória, de construir experiências formativas com sentido e de sustentar vínculos que atravessem as dificuldades inevitáveis do percurso.

Inspirar, gerar insights e propiciar transformações — como propõe o espírito do GEduc — significa justamente isso: ampliar a consciência sobre o que precisa ser feito, mobilizar novas formas de pensar e, sobretudo, criar condições para que mudanças aconteçam de forma consistente e duradoura.

Que este seja, então, o horizonte que orienta a gestão educacional: formar pessoas capazes de transformar suas próprias histórias — e, com elas, a realidade que as cerca.



GEDUC EXPERIENCE

Socioemocional como estratégia de prevenção ao bullying: construindo ambientes mais seguros

Autora: Fernanda Loyola

Participação: Sami Elia e Daniel Goldstein

O bullying não começa no momento em que acontece.

Ele começa muito antes, na qualidade das relações que a escola sustenta todos os dias.

No dia 25 de março de 2026, durante o GEduc Experience, a Electi Educacional conduziu uma vivência com gestores e educadores a partir de uma provocação essencial:

O que sustenta, de fato, a qualidade das relações dentro da escola?

Ao abordar o tema do bullying, é comum que o foco recaia sobre os episódios aquilo que precisa ser interrompido, mediado ou resolvido. No entanto, ao longo da experiência, o olhar foi deslocado para além da reação imediata.

Mais do que responder aos conflitos, a proposta buscou compreender o que antecede esses comportamentos e como é possível preveni-los a partir da cultura construída no cotidiano escolar.

Esse movimento começou com um exercício de reconhecimento: em qualquer espaço coletivo seja uma sala de aula, uma reunião pedagógica ou um intervalo múltiplas emoções coexistem.

Os participantes foram convidados a identificar sentimentos presentes em momentos bons e difíceis e a representá-los em um corpo humano. O resultado evidenciou algo fundamental:

A escola é um espaço onde diferentes sensações, positivas e negativas, acontecem simultaneamente.

Esse conjunto de emoções forma um verdadeiro “caldeirão de possibilidades”, que influencia diretamente a forma como os conflitos emergem e são vividos.

É a partir desse reconhecimento que o trabalho socioemocional ganha sentido não como resposta pontual, mas como uma estrutura que sustenta as relações. Compreender esse cenário também exigiu diferenciar conceitos que, muitas vezes, se confundem.





O conflito é parte natural das relações humanas. Ele pode ser intrapessoal, interpessoal ou coletivo e, quando trabalhado de forma pedagógica, torna-se uma oportunidade potente de aprendizagem.

A violência surge quando não se consegue lidar adequadamente com esse conflito seja como desdobramento ou como reação direta.

Já o bullying possui características específicas: trata-se de um processo recorrente, estrutural e, muitas vezes, velado, marcado por uma desigualdade de poder entre pares.

Essa distinção não é apenas conceitual ela orienta a forma como a escola intervém, previne e educa.

Ao aprofundar o olhar sobre o bullying, destacou-se também a importância da chamada tríade: quem pratica, quem sofre e quem assiste.

A presença dos espectadores sustenta, muitas vezes, a continuidade do comportamento. Por isso, o enfrentamento do bullying não se limita aos indivíduos diretamente envolvidos ele exige um olhar ampliado para a cultura do grupo.

Foi a partir disso que a experiência propôs uma reflexão em camadas: como fortalecer a subjetividade, traduzir isso em prática, reconhecer os desafios reais da escola e sustentar uma visão de futuro mais potente.

Porque, no fundo, a pergunta não é apenas “como agir diante do bullying?”, mas sim:

Que tipo de ambiente a escola está construindo todos os dias?

E é nesse ponto que emerge uma imagem potente: a diferença entre apagar incêndios e desatar nós.

Apagar incêndios é necessário, mas desgastante.

É a resposta imediata às crises que já se instalaram.

Desatar nós, por outro lado, exige um trabalho intencional, contínuo e estruturado.

É investir na qualidade das relações antes que os conflitos escalem.

É organizar o cotidiano, fortalecer vínculos, ampliar o senso de pertencimento e construir um ambiente mais previsível e seguro.

Esse deslocamento do reativo para o estrutural é o que sustenta o socioemocional como estratégia de prevenção.

Nesse caminho, um princípio torna-se inegociável: cada escola precisa construir o seu próprio percurso.

Não se trata de aplicar modelos prontos, mas de reconhecer a singularidade de cada contexto suas histórias, desafios e potências.



A prevenção do bullying não acontece por replicação, mas por adaptação consciente e construção coletiva.

É na flexibilidade, aliada ao respeito à identidade de cada escola, que o trabalho socioemocional ganha consistência e legitimidade.

E isso leva a um ponto central:

O socioemocional não é um complemento é uma escolha de cultura.

Uma escolha que não acontece em um projeto isolado, mas que se manifesta todos os dias:

nas conversas que são possíveis,
nas intervenções que são feitas,
nos combinados que são sustentados,
e na forma como adultos e estudantes aprendem a se relacionar.

Escolher cuidar do socioemocional é escolher construir, intencionalmente, um ambiente onde o conflito pode existir mas não precisa se transformar em violência.

É escolher sair da lógica da reação e assumir a responsabilidade pela construção de uma cultura mais consciente, mais respeitosa e mais segura.

E é justamente para apoiar essa construção que diferentes ferramentas podem fazer sentido ao longo do caminho.

Guias, cartazes, práticas estruturadas e formações podem contribuir, desde que estejam conectados à realidade da escola e inseridos em uma intencionalidade maior.

Mais do que entregar respostas prontas, trata-se de ampliar repertórios e sustentar práticas que façam sentido no cotidiano.

Escuta que acolhe.
Experiência que transforma.
Escolha que fortalece.

Mais do que evitar conflitos, trata-se de construir uma cultura capaz de lidar com eles e, assim, prevenir que se transformem em violência.

GEDUC EXPERIENCE

Do empírico ao analítico:

Aprendizados na construção de um planejamento acadêmico mais inteligente

Ariano Thomaz

Contexto da Experiência

A gestão do planejamento acadêmico, especialmente em instituições de ensino superior em crescimento, vem se tornando progressivamente mais complexa. O que antes podia ser conduzido com base em experiência, tentativa e erro e ferramentas simples, passa a exigir um nível de coordenação e análise que desafia os modelos tradicionais de decisão.

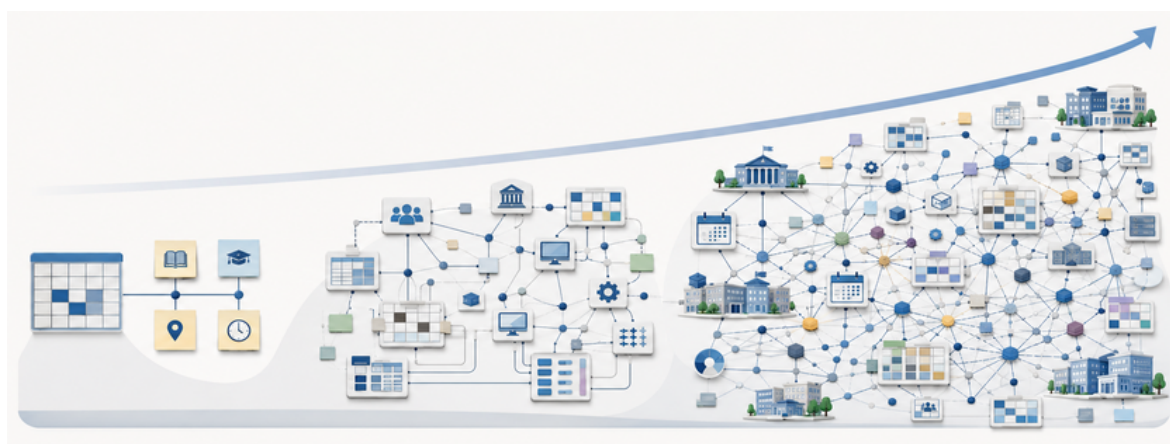
O desafio central que motivou a experiência apresentada foi justamente esse: como estruturar o planejamento de turmas, alocação de docentes e uso de infraestrutura em um contexto marcado por múltiplas variáveis interdependentes — muitas delas dinâmicas e imprevisíveis?

Esse cenário é intensificado por fatores recentes. A expansão de unidades, a coexistência de diferentes modalidades (presencial, semipresencial e EaD), as mudanças regulatórias e o aumento do número de alunos criam um ambiente onde decisões locais geram impactos sistêmicos.

Além disso, o planejamento acadêmico não se limita a uma única etapa. Ele começa na definição de oferta de disciplinas, passa pela formação de turmas, pela alocação em salas e culmina na construção da grade horária — cada etapa carregando restrições próprias e efeitos em cadeia.

Historicamente, muitas instituições lidaram com esse desafio de forma artesanal. Relatos da experiência mostram processos baseados em quadros físicos, post-its e decisões iterativas, que funcionavam em contextos menores, mas se tornam inviáveis à medida que a escala aumenta.

A questão que emerge, portanto, não é apenas operacional, mas estrutural: como tomar decisões consistentes em um sistema onde o número de combinações possíveis cresce exponencialmente?



A complexidade do problema é frequentemente subestimada

Um dos primeiros aprendizados foi a percepção de que o planejamento acadêmico não é um problema linear. Ele envolve a combinação simultânea de variáveis como:

- Disponibilidade e qualificação de docentes
- Capacidade e tipologia das salas e laboratórios
- Demandas por disciplina
- Restrições acadêmicas e regulatórias
- Horários, turnos e calendário acadêmico
- Deslocamento entre unidades

Essa multiplicidade torna inviável a tomada de decisão puramente intuitiva em cenários de maior escala.

“O problema não é apenas grande — ele é combinatório.”

O maior ganho não está na resposta final, mas no ponto de partida

Um insight relevante da experiência foi entender que o valor de uma abordagem analítica não está necessariamente em entregar uma solução perfeita, mas em oferecer um ponto de partida estruturado.

O planejamento deixa de ser construído do zero e passa a partir de uma base consistente, que considera simultaneamente múltiplas restrições. A partir daí, o gestor atua como decisor, ajustando e refinando o plano.

Essa mudança de lógica — de “construir manualmente” para “avaliar e ajustar cenários” — altera profundamente o papel da gestão.

Dados integrados são condição básica para qualquer avanço

Outro aprendizado crítico foi a necessidade de centralização e padronização das informações.

Em muitos contextos, diferentes áreas ou coordenações operam de forma isolada, o que impede uma visão sistêmica. A experiência evidenciou que sem integração de dados — especialmente sobre alunos, docentes e infraestrutura — o planejamento tende a ser fragmentado e menos eficiente.

Pequenas decisões estruturais reduzem drasticamente a complexidade

Durante a experiência, ficou evidente que algumas decisões de desenho acadêmico têm impacto direto na complexidade do problema.

Um exemplo relevante foi a padronização de encontros de aula (como vincular automaticamente determinados dias da semana), reduzindo o número de combinações possíveis no planejamento.

Esse tipo de decisão não elimina o problema, mas o torna tratável.

“Nem toda complexidade precisa ser resolvida — parte dela precisa ser evitada.”

O planejamento é dinâmico — e precisa ser tratado como tal

Outro aprendizado importante foi reconhecer que o planejamento acadêmico não termina quando a grade é definida.

Mudanças contínuas — como entrada tardia de alunos, reprovações, evasão ou contratação de docentes — exigem revisões constantes.

Nesse sentido, o processo precisa ser:

- Iterativo
- Atualizável / (re-planejável)
- Sensível a novos dados

A ideia de um planejamento “fechado” se mostra incompatível com a realidade.

O objetivo real vai além da eficiência operacional

Embora a otimização de recursos seja uma motivação evidente, a experiência revelou uma mudança de perspectiva relevante: o objetivo final do planejamento não é apenas reduzir custos, mas melhorar a experiência do aluno.

Problemas como falta de vagas em disciplinas, conflitos de horário ou indisponibilidade de turmas impactam diretamente a jornada acadêmica — e, consequentemente, a retenção.

Esse deslocamento de foco redefine os critérios de decisão.

Aplicações Possíveis na Realidade das Instituições

A experiência vivenciada oferece aprendizados aplicáveis a diferentes contextos institucionais, independentemente do porte ou nível de maturidade analítica.



Estruturar o problema antes de buscar soluções

Antes de pensar em ferramentas ou métodos, é fundamental mapear:

- Quais são as variáveis relevantes
- Quais restrições são inegociáveis
- Quais decisões são estratégicas

Esse exercício já traz ganhos significativos de clareza.

Investir na qualidade e integração dos dados

Sem dados consistentes, qualquer tentativa de planejamento estruturado será limitada.

Instituições devem priorizar:

- Unificação de bases de dados
- Padronização de informações
- Governança sobre atualizações

Reduzir complexidade por meio de regras estruturais

Nem toda melhoria depende de tecnologia. Algumas decisões organizacionais podem simplificar o problema, como:

- Padronização de horários
- Definição clara de regras de alocação
- Limitação de combinações possíveis

Essas medidas aumentam a previsibilidade e reduzem o esforço operacional.

Adotar uma lógica de simulação e cenários

A possibilidade de testar diferentes configurações — como aumento de docentes, abertura de novas unidades ou reorganização de turmas — permite decisões mais embasadas.

A experiência mostrou que simular cenários ajuda a antecipar gargalos, como:

- Limitações de espaço físico
- Falta de docentes
- Sobrecarga de determinadas disciplinas

Envolver os gestores no processo decisório

Mesmo com apoio analítico, a decisão final continua sendo humana.

O papel do gestor se transforma, passando de executor operacional para avaliador de cenários e tomador de decisão estratégica.



Fechamento Reflexivo

A experiência evidencia uma mudança importante na gestão educacional: sair de um modelo reativo, baseado em ajustes contínuos, para um modelo mais estruturado, capaz de antecipar problemas e explorar possibilidades.

No entanto, essa transição não é apenas tecnológica. Ela exige uma mudança de mentalidade — especialmente na forma como se entende o planejamento.

Planejar deixa de ser uma atividade operacional e passa a ser um exercício de modelagem da realidade.

“Planejar não é prever o futuro — é estruturar melhor as decisões do presente.”

Diante disso, fica uma provocação:

Até que ponto o planejamento acadêmico da instituição está sendo conduzido como um processo estruturado — e não apenas como uma sequência de ajustes?

E, mais importante:

Que pequenas mudanças hoje poderiam tornar esse processo mais inteligente, mais previsível e mais alinhado à experiência do aluno?





GEDUC EXPERIENCE

Do caos de ferramentas ao impacto real: IA, dados e conteúdo curado que funciona

Hélder Pereira

A experiência intitulada “Do caos de ferramentas ao impacto real: IA, dados e conteúdo curado que funciona” foi concebida a partir de uma constatação incômoda, mas cada vez mais evidente no cenário educacional: a ampliação do acesso à tecnologia não tem se traduzido, na mesma medida, em melhoria consistente dos resultados de aprendizagem.

Ao serem convidados a refletir sobre suas realidades institucionais, os participantes rapidamente identificaram um padrão recorrente. A jornada do aluno, longe de ser fluida e integrada, é frequentemente composta por múltiplas plataformas, sistemas e ambientes que operam de forma paralela. Cada ferramenta resolve uma parte do problema, mas raramente dialoga com as demais.

Essa multiplicidade, à primeira vista, pode ser interpretada como sinal de inovação. No entanto, ao ser observada mais de perto, revela uma lógica fragmentada, na qual a integração não está no sistema, mas no esforço humano de quem o utiliza.

Foi nesse ponto que a experiência ganhou densidade. Ao deslocar o olhar da quantidade de ferramentas para a qualidade da experiência, tornou-se possível reconhecer que o desafio não está na ausência de soluções, mas na falta de articulação entre elas.

Mais tecnologia, nesse contexto, não necessariamente significa mais aprendizagem. Em muitos casos, significa apenas mais complexidade.

Ao longo da experiência, emergiu um conjunto de percepções que, embora já intuídas por muitos participantes, ganharam forma e clareza no exercício coletivo.

A primeira delas foi a constatação de que o excesso de tecnologia pode gerar uma sensação ilusória de avanço. Instituições que acumulam ferramentas, sem um desenho claro de uso, tendem a deslocar o foco da aprendizagem para a operação. Professores passam a administrar sistemas, alunos aprendem a navegar entre plataformas, e a experiência pedagógica, que deveria estar no centro, perde protagonismo.

A fragmentação, nesse sentido, não é apenas um problema técnico. É um problema pedagógico.

Quando não há continuidade, não há jornada. E, sem jornada, a aprendizagem se torna episódica, superficial e, muitas vezes, esquecível.





Outro ponto relevante surgiu na discussão sobre o papel da curadoria. Em um ambiente de abundância, a ausência de critérios não amplia possibilidades — ela dilui o sentido. Conteúdos competem entre si, disputam a atenção do aluno e, sem uma lógica estruturante, acabam por não se converter em conhecimento.

A curadoria, então, deixa de ser uma etapa acessória e passa a ocupar um lugar central. Não como filtro, mas como estratégia. Ela define não apenas o que é oferecido, mas como, quando e por que determinado conteúdo entra na experiência de aprendizagem.

“Sem curadoria, o conteúdo compete.
Com curadoria, ele constrói.”

A reflexão sobre experiência trouxe um deslocamento importante. Durante muito tempo, a discussão educacional concentrou-se no acesso. Hoje, torna-se evidente que acesso é condição necessária, mas não suficiente. O que diferencia uma experiência relevante de um simples consumo de conteúdo é a existência de um percurso intencional.

Aprender exige progressão, contexto e envolvimento. Exige, sobretudo, que o aluno compreenda onde está, para onde vai e por que está fazendo aquele percurso.

Nesse ponto, a inteligência artificial entrou na discussão não como solução imediata, mas como elemento de tensão.



A maioria dos participantes já havia tido contato com ferramentas de IA, especialmente aquelas voltadas à geração de conteúdo. O entusiasmo inicial, no entanto, foi rapidamente acompanhado por uma inquietação: até que ponto se pode confiar no que é gerado?

O silêncio que se seguiu foi revelador.

Percebeu-se que a IA, quando utilizada sem critérios claros, pode introduzir um novo tipo de fragilidade no processo educacional. Ao automatizar a produção de conteúdo, ela amplia a escala — mas não garante a qualidade.

Nesse contexto, consolidou-se um entendimento mais amadurecido: a IA não substitui o papel do educador. Pelo contrário, torna sua mediação ainda mais necessária. Ela não elimina a responsabilidade pedagógica; ela a reposiciona.

Por fim, a discussão sobre dados trouxe à tona uma tensão igualmente relevante. Embora as instituições tenham avançado significativamente na coleta de informações, ainda é limitada a capacidade de transformá-las em decisões concretas.

Ter dados não significa compreender a realidade. E compreender a realidade não garante, por si só, a tomada de decisão.

O valor do dado reside na sua capacidade de orientar ação.

Os aprendizados gerados apontam para movimentos possíveis, que não exigem grandes rupturas, mas demandam intencionalidade e consistência.

Um primeiro passo consiste em revisitar o ecossistema existente. Ao mapear as ferramentas em uso, suas finalidades e interações, torna-se possível identificar redundâncias e lacunas. Muitas vezes, a simples visualização desse cenário já permite reconhecer excessos e repensar escolhas.

A reorganização não precisa começar pela substituição, mas pela compreensão. Ao tornar explícito o funcionamento do sistema, abre-se espaço para decisões mais conscientes.

No campo da curadoria, pequenas mudanças podem gerar impactos significativos. Ao invés de disponibilizar grandes volumes de conteúdo, pode-se optar por seleções mais intencionais, alinhadas a objetivos claros. A construção de percursos organizados, ainda que simples, contribui para dar sentido à experiência e orientar o aluno.

Esse movimento implica uma mudança de lógica: de quantidade para relevância.

Na dimensão da experiência, a transição mais importante está na passagem do conteúdo isolado para o percurso estruturado. Organizar materiais em sequências, conectar atividades e criar momentos de aplicação transforma a relação do aluno com o conhecimento. Ele deixa de acessar conteúdos dispersos e passa a percorrer um caminho.

Mesmo iniciativas pontuais já são capazes de evidenciar esse ganho quando se estruturam com início, desenvolvimento e fechamento.

Em relação à inteligência artificial, o avanço não está em ampliar seu uso indiscriminadamente, mas em qualificá-lo. Antes de incorporar conteúdos ou recomendações geradas por IA, torna-se essencial estabelecer critérios de validação. A confiança no sistema depende da confiança no processo.





Perguntas orientadoras tornam-se indispensáveis: o conteúdo está adequado ao contexto? As fontes são verificáveis? Há alinhamento com os objetivos de aprendizagem?

A resposta a essas questões não elimina o risco, mas reduz sua incidência e fortalece a qualidade da experiência.

Por fim, na utilização de dados, o desafio está em simplificar para agir. Ao invés de buscar indicadores complexos, pode-se iniciar com poucos elementos, desde que relevantes. A observação sistemática de padrões de acesso, engajamento ou conclusão, quando conectada a decisões pedagógicas, já permite ajustes significativos.

A transformação, nesse caso, não está no volume de informação, mas na consistência da leitura e na capacidade de resposta.

Ao final da experiência, uma percepção se impôs de forma quase inevitável: o desafio da educação digital não é tecnológico. É estrutural.

A tecnologia, por si só, não transforma. Ela potencializa aquilo que já existe. Se o sistema é fragmentado, ela amplia a fragmentação. Se há intencionalidade, ela amplia o impacto.

“O problema não é o que falta.
É o que não se conecta.”

A inteligência artificial, nesse contexto, não deve ser compreendida como um recurso adicional, mas como parte de um movimento mais amplo de reorganização do ecossistema de aprendizagem.

Ela não inaugura um novo problema. Ela torna mais visível aquilo que já não funcionava.

Talvez, por isso, a provocação mais relevante não esteja na adoção de novas soluções, mas na revisão das existentes.

Se fosse necessário simplificar o sistema atual, mantendo apenas aquilo que realmente contribui para a aprendizagem, o que permaneceria?

A resposta a essa pergunta pode ser desconfortável. Mas é precisamente nesse desconforto que reside a possibilidade de transformação.

Ao deslocar o foco da tecnologia para a intencionalidade, abre-se espaço para um novo tipo de decisão. Menos orientada pela novidade, mais orientada pelo impacto.

E, nesse movimento, talvez se encontre o verdadeiro ponto de virada: compreender que a inovação não está em adicionar camadas ao sistema, mas em torná-lo coerente.

Porque, no fim, aprender não é acessar mais.

É compreender melhor, aplicar com sentido e transformar a própria relação com o conhecimento.

Insights do GEduc na visão de futuros Educadores - FMU

No GEduc 2026, estudantes de pedagogia da FMU Escola de Educação foram convidados a viver o congresso a partir de uma proposta formativa, com olhar ativo e crítico sobre os temas que movimentam a educação contemporânea.

Durante os três dias de evento, os futuros educadores participaram em duplas de missões investigativas, de interação e de análise, observando tendências, dialogando com profissionais da área, identificando práticas inovadoras e relacionando os aprendizados do congresso à formação docente.

A seguir, apresentamos insights construídos por alguns dos estudantes a partir dessa experiência, revelando como futuros educadores interpretaram os debates, desafios e possibilidades discutidos no GEduc.

“ Ao participar do GEduc, foi enriquecida a compreensão das novas demandas da sociedade e do mercado de trabalho, como a Inteligência Artificial. Por isso, uma competência que desejo desenvolver é a habilidade de utilizar as novas tecnologias para atuar de maneira consciente nas diversas áreas do conhecimento. Pois, a formação pedagógica do professor mudou com o advento das novas tecnologias exigindo a formação em metodologias pedagógicas e tecnológicas com a intencionalidade de promover o letramento digital dos alunos que é exigido pelos documentos norteadores da educação no Brasil. ”

- Paloma Fregonesi Benedet

“ Participar do GEduc 2026 ampliou minha compreensão sobre os desafios da formação docente na Educação Profissional e Tecnológica. A palestra sobre os docentes da EPT evidenciou a necessidade de aproximar teoria, prática e tecnologia na formação de professores. Como futura pedagoga, percebo que ensinar exige formação contínua, reflexão e conexão com a realidade dos estudantes e do mundo do trabalho. O GEduc reforçou a importância de uma educação mais humana, integrada e significativa. ”

- Naxiane Silva



“ A palestra trouxe uma reflexão sobre como projetos com inteligência artificial podem contribuir para superar a chamada "síndrome de Gabriela" na educação, isto é, a resistência em modificar práticas consolidadas. As plataformas digitais baseadas em IA, ao criarem exercícios personalizados e transformarem o celular em ferramenta de estudo, representam um avanço significativo. No entanto, sem infraestrutura básica como internet e computadores em escolas rurais ou periféricas, tais tecnologias tendem a aprofundar desigualdades estruturais.

Ademais, observa-se que muitas crianças ainda não têm acesso sequer à escola. Embora parcerias com governos possam viabilizar essas plataformas, o problema central é de ordem estrutural. Faz-se necessária uma atuação mais incisiva do Estado para garantir infraestrutura adequada e condições dignas de moradia. Conclui-se que a IA pode auxiliar na alfabetização e na autonomia dos estudantes, mas jamais substituirá políticas públicas efetivas que alcancem as regiões onde o sinal da internet não chega. ”

- Andressa Caroline Wendt da Cruz

“ A participação no GEduc 2026 trouxe reflexões importantes sobre os desafios da educação contemporânea, especialmente quanto à inclusão, inovação e formação humana. Os debates mostraram que ensinar vai além da transmissão de conteúdos, exigindo sensibilidade para compreender diferentes realidades e construir práticas pedagógicas mais significativas.

O workshop que integrou literatura e Design Thinking evidenciou como o aprendizado pode ser vivido de forma prática e colaborativa. A recorrência de obras voltadas às questões étnico-raciais revelou a relevância do tema na educação e também despertou reflexões sobre a importância de ampliar a presença de profissionais de diferentes etnias no setor educacional, favorecendo experiências, referências e perspectivas mais plurais. ”

- Francislene de Araujo Cordeiro Diogo





Um quarto de século desenhando o futuro da educação.

O GEduc 2026 foi uma edição marcada por dias intensos de troca, reflexão e conexão entre lideranças comprometidas com o futuro da educação. Cada debate, encontro e experiência reafirmou a força de um congresso que acompanha, há mais de duas décadas, as transformações da gestão educacional no Brasil.

Com o encerramento deste ciclo, abrimos caminho para um marco histórico: em 2027, o GEduc completa 25 anos.

Será o Jubileu de Prata do principal congresso de gestão educacional do país, uma edição comemorativa que celebrará a trajetória construída até aqui e apontará para os próximos caminhos da educação.

Estamos preparando uma experiência especial, em que tradição, inovação, liderança e futuro se encontram para marcar a história do GEduc e de todos que fazem parte dela.

Prepare-se para viver uma edição histórica.

Garanta sua participação no GEduc 25 anos com
25% de desconto utilizando o cupom **"EBOOK25"**

[**CLIQUE AQUI E INSCREVA-SE**](#)